

**Trilha sonora da violência: *hate music* e neofascismos na América do Sul
(1990-2010)**

Pedro Carvalho Oliveira¹

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo analisar a *hate music*, subgênero do rock difusor de ideias fascistas e intolerantes, assim como a ligação de seus discursos e seus integrantes com organizações de extrema-direita na América do Sul, entre os anos de 1990 e 2010. Com isto, é possível entender a reformulação das ideologias fascistas para angariar novos adeptos no tempo presente, assim como a adaptação de seus discursos à realidade sul-americana. Isto será realizado por meio de uma análise sobre o perfil deste subgênero e da leitura de suas canções, servindo como fontes históricas.

Palavras-chave: neofascismos; *hate music*; América do Sul; skinheads.

1. Introdução

A música é uma expressão artística, mas é também uma expressão sentimental. Os músicos se expõem quando escrevem uma letra, arranjam os acordes e definem aquilo que sentem em forma de sons, transformando toda esta mistura numa manifestação própria. São muitas as formas de se expressar por meio da música. Existem canções que narram um cotidiano comum, histórias, fazem sátiras, protestos, cantam o amor... E também o ódio. Diversos jovens são, ao mesmo tempo, o público e os músicos que dispõem de uma grande dedicação para o crescimento e a expansão de uma crescente manifestação intolerante musicada. E eles não estão distantes de nós.

Trata-se de um ritmo acelerado, violento, que se completa com letras intolerantes e de apologia aos fascismos, conhecido como sob a alcunha de *hate music*. Bandas compostas por skinheads alinhados à extrema-direita que unem o pensamento

¹ Graduando em História pela Universidade Federal de Sergipe. Integrante do Grupo de Estudos do Tempo Presente (GET/CNPq/UFS). Bolsista do Programa de Educação Tutorial (FNDE/MEC). Orientador: Prof. Dr. Dilton C. S. Maynard. E-mail: pedro@getempo.org.

fascista a um estilo de rock concebido para esta proposta. O RAC, ou *Rock Against Communism*, é o principal movimento da *hate music* e agrega conjuntos de todo o mundo em torno de um mesmo propósito: o ódio a tudo e todos que se opõem aos fascismos que representam.

Embora tenha sido criado na Europa, atualmente é possível perceber a presença de um grande número de grupos musicais na América do Sul. Ao passo em que os skinheads foram ganhando território nesta região, o subgênero começou a ganhar mais adeptos e uma cara própria, voltada ao contexto sul-americano e exercendo a propaganda de ideias radicais como o surgimento de um IV Reich, a eliminação dos judeus e a expulsão dos estrangeiros de “suas terras”. As “músicas de ódio” servem como um meio de comunicação entre os músicos e sua platéia, a fim de incentivar a adesão, de garantir a difusão do seu pensamento e, enfim, espalhar a violência contra seus inimigos.

Para o historiador, a *hate music* pode ser um elemento pertinente para compreender não apenas o ressurgimento dos fascismos, mas também como uma forma de compreender as suas novas faces, seu novo jeito de se comportar e se adaptar ao tempo presente. E mais: trata-se de uma fonte capaz de nos conduzir pelo submundo dos fascismos modernos, compreendendo o comportamento originado de uma necessidade de readaptação a novas conjunturas. Podemos, também através dela, identificar o que representa na América do Sul a presença destas bandas, aliadas a organizações extremistas, que buscam espaço no cenário político atual.

É isto que o presente trabalho propõe: a análise deste subgênero como uma fonte capaz de nos revelar os rumos de fascismos ressurgentes e sua forma de atuar na América do Sul. Perceberemos como ele ganhou espaço no continente e o papel dos jovens nesse processo. Estes jovens, em sua maioria skinheads, são agentes importantes para este estudo, uma vez que funcionam como “soldados” em nome da causa e os principais consumidores e criadores da *hate music*.

Realizaremos uma interpretação das letras de músicas deste estilo musical, buscando identificar os principais discursos presentes nelas, o que elas nos dizem sobre o ressurgimento dos fascismos, sobre a forma de agir daqueles que apóiam estas ideias,

os principais temas ligados à intolerância e como estas bandas pensam as sociedades em que vivem.

Quanto ao corte temporal utilizado, devemos observar que trata-se de um período em que tanto a configuração mundial estava se modificando (a queda do Muro de Berlin em 1990 e o esfacelamento do socialismo real com o fim da União Soviética em 1991) e, com estas mudanças, partidos e organizações de extrema-direita, cujas bases políticas flertavam ou inspiravam-se diretamente nos fascismos cresciam na Europa. Ao mesmo tempo, a década de 1990 viveu a ascensão da Internet como meio de comunicação doméstico e, com ela, o número de bandas da *hate music* na América do Sul também.

Sem a Internet, esta pesquisa não poderia ser realizada de maneira tão cuidadosa, uma vez que nela estão disponibilizados os discos e letras das principais bandas analisadas neste estudo. Além disso, o ciberespaço é um meio que possibilita a organização e propagação de ideias fascistas tanto por ser um veículo de fácil acesso (para os que disponibilizam e para os que consomem as informações), quanto pelo seu alcance.

Com o material recolhido, poderemos interpretar de maneira pertinente o nosso objeto, a fim de conhecer mais a respeito do que foi proposto. Assim poderemos concluir como a *hate music* funciona, de que forma ela pode ser lida como um documento histórico, capaz de nos mostrar as evidências que comprovam a existência de fascismos no tempo presente.

Por fim, este trabalho nos ensina a compreender melhor um importante membro dos movimentos neofascistas: a presença da música. Se estes grupos possuem um estilo de vida próprio, onde a todo o momento reforçam as convicções que defendem por meio de práticas, há também uma música típica para isto. Um subgênero do rock cujas bases são sustentadas pela violência intolerante. Desta forma, o trabalho aponta na direção das discussões sobre os crimes de ódio promovidos por skinheads neofascistas ou indivíduos que partilham destas ideias, entendendo a *hate music* como uma forma de promover este debate.

2. Ódio sonoro: o surgimento de um movimento musical neofascista

Dentro do que podemos denominar de *hate music*, ou “música de ódio” existem incontáveis subgêneros. Os estilos variam, mas a proposta é sempre a mesma: proferir discursos violentos de ódio ao “outro”. Nossa designação trata das bandas que a partir do RAC, ou seja, o movimento próprio deste tipo de ativismo musical, passaram a ter suas músicas denominadas assim, algumas vezes não por intervenção da mídia, como de costume, mas por elas mesmas. Trata-se de um estilo tributário do rock, composto tradicionalmente por guitarras, baixo, bateria e vocais. Lembremos que “o rock conta sempre com a energia adolescente” (BIVAR, 2001, p. 07), logo está mais próximo da juventude, indispensável por sua estereotipada rebeldia e contestação, por se tratar de uma fase intermediária entre a infância e a vida adulta, portanto facilmente modificável e suscetível a aceitar ideias novas.

No que se propõe a respeito de convidar os jovens a aderirem às suas ideias, o fascismo ressurgido, seja ele sob a égide de um partido, ou de um movimento independente, a música ocupa um papel importante. Ela não apenas irá atrair a atenção de um grupo social cuja identificação com a forma de se expressar possibilitada pela música é muito grande, mas que dará as diretrizes para a ação destes nas ruas.

Mesmo que os neofascistas da América do Sul tenham necessitado adaptar o seu discurso a uma realidade social distinta da européia no início do século XX, onde surgem os primeiros grupos neofascistas, as bandas da *hate music* empenharam-se na mesma missão. Trata-se de um estilo musical que, assim como a Internet, é facilmente apropriado por qualquer garoto que esteja disposto a conhecer um pouco mais sobre seu funcionamento. Neste caso, um histórico das “músicas de ódio” torna-se necessário para percebermos sua chegada até aqui.

Em 1979, a banda *punk* inglesa The Clash lançava “London Calling”, seu terceiro álbum de estúdio e considerado um divisor de águas para o rock. Os *punks* assumiam preocupações políticas e começavam a redefinir sua filosofia musical. Nas 19 músicas do disco, seus integrantes misturavam *reggae*, *ska*, *rap* e *rock*, todos gêneros essencialmente negros numa demonstração vividamente anti-racista. No mesmo ano, a Skrewdriver, banda de Ian Stuart Donaldson, caminhou em linhas opostas a este pensamento, quando um partido chamado National Front, declaradamente posicionado à extrema-direita, estava em busca de recrutas.

Graças à Skrewdriver, seriam os skinheads, uma vez que a experiência não havia funcionado com os *punks*, os recrutados. Naquele ano, Donaldson tornou-se um dos mais ativos militantes do partido. Enquanto isso, os *punks* aderiam cada vez mais à união entre as raças, engajando-se numa crítica ao crescente número de indivíduos que defendiam o racismo ou concepções fascistas. Tudo isto acontecia na mesma Inglaterra.

A relação de Donaldson com o National Front e, posteriormente, com o British Movement, fez com que as músicas da Skrewdriver passassem por modificações. Críticas em forma de enfrentamento a skinheads de tendência esquerdista, cheias de menções xenófobas e declaradamente simpáticas ao racismo apareciam em suas letras. Para o partido ao qual Donaldson estava filiado, esta guinada era interessante: agora, o conjunto serviria como um bom atrativo para jovens skinheads simpatizantes daquelas ideias (SALAS, 2006) e, conseqüentemente, novos eleitores. Ian seria o fundador do movimento Blood & Honour, que mais tarde alcançaria o Chile, a Argentina e outros países da América do Sul.

A infiltração de partidos políticos de pensamentos fascistas entre os skinheads foi fundamental para a chegada destas ideias naquela subcultura. Não se trata de um grupo onde esta ideologia esteve sempre presente, mas no qual ela foi utilizada como uma espécie de experiência, a fim de chamar a atenção dos “carecas” e levar parte deles a frentes políticas. A chegada do pensamento fascista e, em seguida, explicitamente nazista gera uma cisão no movimento, especialmente em razão do racismo, reprovado pelos carecas tradicionais ou *trads*, como viriam a serem conhecidos como forma de distinção.

Não é novidade e nem exclusividade dos skinheads neofascistas o uso da música como forma de evocar discursos racistas, simpáticos a grupos de extrema-direita. Nos anos 1960, ainda quando os skinheads não possuíam a imagem de racistas extremistas, Clifford Joseph Trahan, conhecido sob a alcunha de Johnny Rebel, cantava o ódio a negros e declarava apoio à famosa Ku Klux Klan e à América Sulista, decorando a capa de seus discos e os palcos onde se apresentava com bandeiras dos Estados Confederados

da América. Em seu site² podemos encontrar letras de suas músicas, com ofensas explícitas a negros.

Este movimento, encabeçado principalmente pela Skrewdriver, manteve-se claro em suas propostas: a união de bandas avessas ao comunismo, frequente entre a classe operária de onde vinha grande parte dos skinheads, além de associadas à extrema-direita. Músicas de curta duração, com poucas notas, produção simples e caseira, veloz e agressiva, muito semelhante ao Oi!, versão skinhead do *punk rock*, mas sem conteúdos fascistas.

Segundo Heléne Lööw (1998), cada movimento revolucionário possui sua própria música, palavras e poetas. A música não necessariamente cria organizações e nem os músicos estão sempre liderando alguma revolução. Mas o protesto revolucionário em forma de música dá voz aos sonhos, às visões e às fantasias dos revolucionários a respeito das sociedades utópicas que almejam estabelecer. Assim sendo, a “música de ódio” assume o papel também de desejo, de cantar aquilo que sonham tanto os que a executam, quanto os que a ouvem, gerando uma consonância. O desejo mútuo é um agregador, muito explorado por este tipo de música.

3. Discurso cantado: ideologias fascistas em versos e estrofes

Sabemos que a *hate music* é um subgênero musical pertencente aos fascistas do tempo presente, capaz não apenas de aproximar e unir os mais jovens em torno de uma mesma causa, mas também determinar os rumos que devem tomar em nome dela. Este rumo é guiado pela violência que é alimentada pelo ódio aos inimigos do nacional-socialismo. Os incentivos à prática da intolerância ganham as ruas e são, de fato, levadas a cabo pela audiência composta principalmente por skinheads. Mas para o historiador, não basta apenas compreender isto. Torna-se importante ir além, adentrar o universo destes sujeitos históricos e compreender suas cosmovisões, conhecer os ingredientes das receitas que preparam jovens para uma vida de dedicação ao fascismo.

² Aryan 88 - <<http://www.aryan88.com/whiterider/officialjr/>>. Último acesso em 01 de abril de 2012, às 11h36.

E ainda: o que podemos compreender não apenas sobre a *hate music*, mas também sobre as sociedades sul-americanas que ela critica?

Nossa investigação passa por uma análise das letras que compõem estas músicas, localizando o discurso empreendido por elas no espaço e no tempo, recolhendo os detalhes que caracterizam-nas como possíveis fontes históricas, a fim de alcançarmos o nosso objetivo e responder este questionamento. Não há dúvidas de que a música, assim como outros recursos fonográficos, podem servir como fontes para o historiador do tempo presente se pensarmos que a “história faz-se, sem dúvida, com documentos escritos, quando eles existem; e, até mesmo, na sua falta, ela pode e deve fazer-se” (FEBVRE, 1958 *apud* PROUST, 2008, p. 77).

Sabemos que os documentos escritos são importantes para o estudo da história, mas devemos ampliar nossa visão sobre o que, além deles, podem nos servir como evidências históricas, especialmente quando a documentação escrita e oficial está ausente. Vivemos na era do audiovisual, onde som e imagem são utilizados diariamente como difusores ideológicos. Seja no cinema, na televisão, no rádio e na Internet, a todo momento temos contato com discursos produzidos para fins diversos e estudar estes discursos é compreender como nossa sociedade funciona.

Em nosso caso, faremos isto por meio das “músicas de ódio” e do conteúdo produzido por elas. E, assim, nós mesmos podemos reuni-las e identificar o que nos pode ser útil para nossas considerações. Perguntando-nos a todo tempo “como o fascismo funciona no tempo presente”, ou “quais são as principais características discursivas dos seus representantes na música” e “como a música pode nos servir como fonte”, trabalharemos diretamente com o que está escrito e o que é dito pelas bandas do movimento RAC da América do Sul.

Escolhemos para esta análise as bandas mais famosas e significativas para os respectivos movimentos dos três países que investigamos até agora (Argentina, Brasil e Chile), pois sua representatividade no meio que integram é de grande importância. Além disso, optamos também por uma facilidade maior no acesso, uma vez que não é comum a presença das letras das canções na Internet, nossa ferramenta de localização. Portanto, algumas músicas foram transcritas pelo autor do trabalho, por meio da audição.

Começaremos pela banda brasileira “Brigada NS”, talvez a mais famosa no cenário nacional e internacional. Em seu disco “O Retorno da Velha Ordem”, trata de identificar o inimigo como um agressor da raça branca, alguém que não merece respeito, e sugerem o espancamento como forma de explicitar esta opinião. Vejamos parte da letra:

Negro, negro
Vê se te manca
Cai fora do meu país
Levando junto o teu samba

Negro, negro
Sai da minha nação
Para abaixar o índice de ladrão

Já estou cansado
De te aturar
E o teu fedor
Ter que respirar
Ainda és escravo e não pode reclamar
Abaixe a cabeça se não vai apanhar³

Os negros são vistos como um grupo de indesejados no Brasil, responsáveis pela marginalidade. A ofensa a estes prossegue ao serem expostos como escravos, sem higiene e subservientes aos brancos. De maneira mais simples, podemos notar que os autores da música declaram que os negros devem servir, ou sofrerão punições. O samba é representado como um elemento da cultura negra que, por isto, é tratado de maneira vulgar, algo que não é ariano (muito embora seus integrantes também não o sejam). A Brigada NS (sigla para Nacional Socialista) reafirma seu discurso racista alegando que a presença dos negros é cansativa e não deve ser aturada.

Em fevereiro de 2011, um jovem negro que aguardava o metrô na Estação da Sé, na capital de São Paulo, foi agredido por um skinhead apenas por ter “olhado estranho”

³ Peste Negra – Disponível em <<http://www.justsomyrics.com/1298549/Brigada-NS-Peste-Negra-Lyrics>>. Último acesso em 16 de julho de 2012, às 18h50.

para ele. O rapaz, que estava acompanhado de duas amigas, teria sido abordado pelo skinhead que se sentiu incomodado pelos olhares do garoto negro. Segundo testemunhas que estavam com ele, o agressor se disse um skinhead e agrediu com um soco inglês a sua vítima⁴. Trata-se de um exemplo prático do que é visto na canção: para um skinhead neofascista, o negro torna-se um incômodo mesmo que sequer profira palavras ou se manifeste de alguma forma. “Abaixe a cabeça, senão vai apanhar”.

Para boa parte dos conjuntos do RAC sul-americano, o continente está tomado, além de negros, por governos de esquerda que flertam com o comunismo, tal como o que eles chamam de “governos de ocupação”, ou seja, composto por judeus que defendem os interesses unicamente de seus filiados. Não é obscuro o posicionamento dos nacional-socialistas aos judeus, que durante o Terceiro Reich foram duramente perseguidos e presos em campos de concentração, além do assassinato sistemático de muitos deles em câmaras de gás. Para os nazistas, sejam os de ontem ou atuais, os judeus são um dos principais alvos de seu ódio.

A fim de criticar a presença de simpatizantes do comunismo e de sua forma ideal de governo, a banda chilena Marcha Violenta é capaz de apelar para referências estrangeiras, realizando um cover da banda australiana Fortress. Em “I Hate Commie Scum” (ou “Eu odeio a escória comunista”) o ódio aos chamados “vermelhos” é exposto claramente:

Don't try to speak to me
About racial equality
Blacks and whites are not the same
Lies spread by the communists
Hand in hand with capitalists
Smash them both is my aim

I hate commie scum
I spit in the red flag
The Reds are on the street tonight

⁴ Skinhead agride negro e mulher em metrô de SP – Disponível em <<http://tvig.ig.com.br/noticias/brasil/skinhead+agride+negro+e+mulher+em+metro+de+sp-8a49802632f3ab5b013321afd70e0c45.html>>. Último acesso em 16 de julho de 2012, às 19h.

Let's get that commie scum

Por mais que se trate de uma criação australiana – o que já representa uma contradição ao espírito anti-imperialista que estas bandas nutrem -, a regravação desta música pela banda chilena reflete e representa sua opinião sobre quem são os comunistas, ativistas de esquerda e sua posição na América do Sul. Como é dito na música, os intérpretes não aceitam as tentativas de demonstrar que negros e brancos são iguais, o que, sugerem, é reforçado pelos esquerdistas. Ignoram esta possibilidade e garantem, em um dos versos, que as raças não são a mesma coisa. Esta seria uma mentira espalhada pelos “comunais”, como dizem, aliados do capitalismo, o qual também rejeitam.

E qual seria, então, a solução proposta pelo quarteto? O extermínio, principal objetivo declarado, seria o mais apropriado. E finalizam dizendo que odeiam a “escória comunista”, cospem na bandeira vermelha e convidam a audiência para uma caçada a estes inimigos nas ruas. Este ódio tem raízes antigas, que nos remete ao nazismo clássico. Se pensarmos que Adolf Hitler, antes mesmo de chegar ao poder, já reservava críticas aos judeus presentes na Alemanha, isto ficará mais claro: a presença de judeus revolucionários entre os socialistas e os socialdemocratas (na visão de Hitler, responsáveis por aceitarem o armistício vergonhoso) explica um dos motivos que levariam o futuro Führer a perseguir comunistas (FERRO, 2008).

Já na Argentina, a presença de neonazistas é marcada pela existência de bandas que, por meio de suas músicas, incitam a violência, propagam ideias de extrema-direita e idealizam a existência de um novo Reich. Em sua música “A.H.”, iniciais que claramente fazem referência ao nome do Führer, presente no disco “Nascido para ser skin”, lançado em 2009 pelo selo Label 56⁵, a banda argentina Ultra Sur enxerga o ditador como um verdadeiro super-herói, dizendo:

⁵ Trata-se da mesma distribuidora da banda norte-americana “End Apathy”, liderada por Wade Michael Page, neonazista de 40 anos que invadiu um templo Sikh, em Wisconsin, e matou a tiros seis de seus membros. A sua banda exaltava a supremacia racial branca e cantava a ideologia nazista explicitamente. Poucos dias depois, o site da gravadora (<http://www.label56.com/>, último acesso em 13 de agosto de 2012, às 21h40) emitiu uma nota declarando-se contrário à ideologia pregada por Wade e a “End Apathy”, pedindo que seu público não repetisse o ocorrido e que não acreditassem que seus idealizadores partilhavam dos mesmos ideais do assassino. Os produtos da banda foram retirados do site, mas é possível encontrar inúmeras camisetas, discos e acessórios em alusão ao fascismo.

Combatio al monstruo capitalista
Con su doctrina nacional-socialista
Libero a su pueblo de um caos infernal
Convirtio Alemania en potencia mundial
Adolf Hitler – El Führer no murio!
Adolf Hitler – Su semilla germino!

Ou seja, o líder alemão combateu o monstro do capitalismo com sua doutrina nacional-socialista. Desta forma, teria libertado o povo alemão do um caos, transformando a Alemanha em potência. Para o conjunto, seu líder não morreu e suas sementes germinaram⁶. É possível pensarmos que esta última afirmação está correta, uma vez que indivíduos em muitas partes do globo estejam envolvidos com os seus ideais, ainda que o III Reich tenha vindo a baixo há quase sete décadas.

Seja no Brasil, na Argentina ou no Chile, podemos perceber por meio destas músicas que a nação ideal dos skinheads não deve ter a presença de negros, comunistas e judeus. Há também a crítica aos homossexuais, prostitutas, *punks*, *hippies*, entre outros. Mas são muitos os inimigos e pouco o espaço para exibi-los neste trabalho. Nos detendo naqueles que mais aparecem na músicas, já podemos ter uma ideia da intolerância impregnada em seus idealizadores e de onde ela vem. Acima de qualquer coisa, os participantes da *hate music* idealizam uma nação sem a presença dos não-brancos, dos não-nacionalistas e dos não-cristãos, em muitos casos.

Para alcançar isto, o perfil político sugerido é quase sempre aquele que mais se assemelha com o nacional-socialismo ou, mais ainda, aquele que declara-se explicitamente como tal. Não importa se na América do Sul, pois esta doutrina política se transforma, se remodela aos perfis locais como bem entenderem aqueles dispostos a investirem nesta forma de governo. O ideal de uma nação fascista, um país sem o que veem como “o mal” é também uma temática muito explorada.

A América do Sul vive um grande momento de integração frente a outras regiões da América Latina, como uma forma de promover a independência de seus países do

⁶ A música, acompanhada da letra, está disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=iAiNH1SHsoc&skipcontrinter=1>>. Último acesso em 27 de março de 2012, às 14h36.

imperialismo norte-americano, que há muito aproveita os recursos da região por meio de acordos, impedindo que as nações latino-americanas exerçam a divisão de suas riquezas para o seu próprio povo. Busca-se a soberania frente aos países que exploram estas riquezas e, em troca, oferecem muito pouco ou quase nada (AVELÁIZ, 2012). Estas medidas são tomadas, em sua maioria, por alianças de governos de esquerda, maioria nesta região.

É curioso pensarmos que, da mesma forma, os neofascistas sul-americanos criticam o imperialismo, reivindicam a soberania nacional, mas sem que haja alianças entre outros países, exceto se estas alianças forem formadas por governos de extrema-direita, como uma forma de conquista ampliada. Portanto, a forma como esta busca pela soberania é conduzida no continente sul-americano não é interessante para os novos fascistas, sejam eles políticos ou skinheads, já que as mãos por trás destas iniciativas são políticos ligados à esquerda.

Enquanto, em meio a este contexto, vivemos tentativas constantes de diminuir o preconceito racial, de promover uma educação baseada na ausência de discriminação e o apoio a iniciativas de combate à xenofobia, a extrema-direita vai na contramão de tudo isto. Na América do Sul, a globalização e iniciativas de integração geram desconfiança para os neofascistas. A *hate music* é uma das manifestações mais concretas desta desconfiança, de uma preocupação intolerante e preconceituosa.

4. Considerações finais

Por meio da *hate music* e do RAC, podemos constatar a existência do discurso fascista e como ele age no tempo presente, como é pensado e a linha ideológica que pretendem estabelecer seus adeptos. Trata-se de um objeto de estudo cujas fontes nos permitem localizar as principais características de fascismos que se renovam para sobreviver. Fascismos que, como camaleões, possuem a habilidade de se adequar a qualquer quadro sócio-político ou cultural.

Este é um mercado que vai além da música ou da simples canção. Vemos sim um ativismo articulado, organizado, capaz de reunir um grande número de grupos ao seu redor, ampliando forças e resistindo. Para a história do presente, evidenciar os

efeitos dos fascismos modernos é acompanhar a queda dos alicerces que sustentam a teoria de que estas ideologias, assim como a execução de seus preceitos, foram meros acidentes históricos, incapazes de serem praticados novamente. É fato que jamais tivemos um novo Benito Mussolini, outro Adolf Hitler, Francisco Franco, enfim. Mas a inspiração efetuada por estes ícones permanece.

Os fascismos do tempo presente, assim como o do passado, vêm na juventude um apoio importante para os seus projetos de governo. É fato que antes a preocupação era formar um corpo de adultos que pudesse perpetuar aquele espírito ideológico, aprendendo a obedecerem seus líderes a todo custo (BARTOLETTI, 2006). Hoje, há muito mais a preocupação em manter os skinheads por perto como uma forma de avolumar os movimentos. Nestes casos, a música está sempre envolvida e é um dos principais fatores de resistência de ideias fascistas.

Referências bibliográficas

- ARVELÁIZ, Maximilien. **Um novo modelo de integração para os novos tempos**. In: Le Monde Diplomatique Brasil. São Paulo: Posigraf, julho de 2012, ano 05, nº 60, p. 4-5.
- BARTOLETTI, Susan Campbell. **Juventude Hitlerista**. Tradução de Beatriz Horta. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2006.
- BIVAR, Antonio. **O que é punk?** São Paulo: Editora Brasiliense, 2001.
- FERRO, Marc. **O século XX explicado aos meus filhos**. Tradução de Hortencia Santos Lencastre. Rio de Janeiro: Agir, 2008.
- LÖÖW, Heléne. **White Power Rock'n'Roll: A Growing Industry**. In: KAPLAN, Jeffrey; TORE, BjØrgo. Nation and Race – The developing Euro-American racist subculture. Boston: Northeastern University Press, 1998, pp. 126-147.
- PROUST, Antoine. **Doze lições sobre a história**. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008, p. 77.
- SALAS, Antonio. **Diário de um skinhead: um infiltrado no movimento neonazista**. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Planeta, 2006.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. **Os fascismos**. In: FILHO, Daniel A. R.; FERREIRA, Jorge; ZENHA, Celeste (Orgs.). O século XX – Volume II: O tempo das crises – Revoluções, fascismos e guerras. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2005.